

A BÍBLIA

A Bíblia foi escrita em 1.600 anos, por uns 40 autores, e contêm 66 livros.

A BÍBLIA É:

**O mapa do viajante - O cajado do peregrino - A bússola do piloto
A espada do soldado - O paraíso restaurado - O céu aberto**

DIVISÕES

<u>Velho Testamento</u>	<u>Novo Testamento</u>
Pentateuco.....5 livros	Biográficos.....4 livros
Históricos.....12 livros	Histórico.....1 livro
Poéticos.....5 livros	Epístolas de Paulo ... 13 livros
Profetas Maiores.....5 livros	Epístolas Gerais.....8 livros
Profetas Menores.....12 livros	Profético.....1 livro
Total.....39 livros	Total.....27 livros
929 capítulos - 29.314 versículos - Uns 30 autores	260 capítulos - 7.559 versículos - Uns 9 autores
Foi Escrito em hebraico	Foi Escrito em grego
Verso central — II Cron. 20:8	Verso central — Atos 17:17
Capítulo central — Jó 2	Capítulo central Rom. 13
Livro Central — Provérbios	Livro central — II Tess.
Verso menor - Êx. 20:13	Verso menor — João 11:35
Verso maior — Ester 8:9	Verso maior — Apoc. 20:4
Mensagem: JESUS VIRÁ.	Mensagem: JESUS JÁ VEIO.
Velho Concerto: Êx. 24:28, Jer.31:3	Novo Concerto: Heb. 9:14,15, Heb. 12:24

SEU CONTEÚDO

A mente de Deus - O estado espiritual do homem - O caminho da salvação - A condenação dos pecadores - A felicidade dos crentes - Alimento para sustentar - Doutrinas santas - Preceitos obrigatórios - Histórias verídicas - Decisões imutáveis - Luz para dirigir - Conforto para alegrar - Mensagem Profética do passado, do presente e do porvir.

A Bíblia chegou ao Brasil 40 anos antes dos missionários protestantes

A introdução das Sagradas Escrituras no Brasil começou discretamente em 1814. Naqueles primórdios, exemplares de Novos Testamentos e Bíblias completas eram distribuídos a bordo de navios que deixavam Lisboa e portos ingleses com destino ao Brasil. Era um trabalho muito inteligente e de bons resultados. Dependia da boa vontade e do espírito missionário de capitães de navio, comerciantes e pessoal diplomático e militar que viajassem para o Brasil. Os capelães britânicos radicados nos mais importantes postos brasileiros também participavam deste ministério.

A partir de 1818, a distribuição de Bíblias na América Latina passou a ser feita por meio de agentes das duas sociedades bíblicas existentes, a Britânica e a Americana. O primeiro deles foi o pastor batista escocês James Thomson (1781-1854). Foi ele quem introduziu a Palavra de Deus na Argentina, Chile, Peru, Equador, Colômbia, Porto Rico, Haiti, Cuba, México e várias ilhas das Antilhas. Não se sabe se ele esteve no Brasil.

O pastor metodista americano Daniel Parish Kidder (1815-1891) foi o primeiro correspondente da Sociedade Bíblica Americana a se fixar no Brasil. Com a idade de 22 anos, já casado, ele percorreu o país de norte a sul. Kidder era destemido e criativo. Em uma de suas viagens a São Paulo, propôs à Assembléia Legislativa da Imperial Província de São Paulo o uso da Bíblia nas escolas primárias de toda a província e se comprometeu a doar doze exemplares para cada escola, caso a proposta fosse aprovada.

Entre a chegada dos primeiros exemplares da Bíblia (1814) e a chegada do primeiro missionário protestante permanente (1855), há um espaço de 41 anos. Isso significa que as Escrituras Sagradas precederam a implantação das primeiras igrejas evangélicas brasileiras.

Naquele tempo, a Igreja Romana não via com bons olhos o trabalho das sociedades bíblicas e de seus colportores (pessoas que se ocupavam da circulação da Bíblia por motivação missionária). Os protestantes pensavam e agiam de maneira diferente. Cada fiel deveria possuir seu próprio exemplar da Bíblia e conhecer o seu conteúdo, na certeza de que ela é "a única regra de fé e prática".

A primeira Bíblia em português

Os mais antigos registros de tradução de trechos da Bíblia para o português são do final do século XV, 1495, porém dezenas de anos se passaram até que a primeira versão completa estivesse disponível, em 3 volumes, em 1753.

Em 1628, nascia, em Portugal, João Ferreira de Almeida. Aos quatorze anos, aconteceu sua conversão ao protestantismo e sua ida para Malásia. Dois anos depois, João F. Almeida iniciou um trabalho de tradução do Novo Testamento, baseado nas versões em italiano, espanhol e latim. Essa versão nunca foi publicada, mas o desejo de aprimorar sua obra levou João Ferreira de Almeida a ser ordenado em 1656 e ao estudo do hebraico e grego.

O Padre João Ferreira de Almeida, título dado aos pregadores religiosos na época, cuidava de algumas igrejas na região da Malásia e Índia. Junto com sua esposa enfrentou situações difíceis na região. Em 1663, Almeida iniciou a tradução do Novo Testamento direto do grego. Embora o seu trabalho com o grego tenha terminado somente treze anos depois, durante esse período ele

iniciou também a tradução do Antigo Testamento a partir dos originais em hebraico.

Em 1681, foi publicada na Holanda a tradução de Almeida do Novo Testamento, porém foi logo recolhida, pois apresentava erros tipográficos e um trabalho urgente de revisão era necessário. Uma nova impressão foi finalmente feita doze anos depois, em 1693.

João Ferreira de Almeida não chegou a ver o Novo Testamento revisado ser impresso pois faleceu em 1691, na ilha de Java, sem terminar também o Antigo Testamento, seu trabalho chegou só até o Livro de Ezequiel.

A tradução do Antigo Testamento foi terminada por Jacobus Akker em 1694, mas problemas de revisão novamente atrasaram a publicação do trabalho. Cinquenta quatro anos depois, em 1748 foi publicada, na Holanda, o primeiro volume do Antigo Testamento, e em 1753 o segundo volume do trabalho iniciado por Almeida.

A primeira impressão da Bíblia completa, em português, em um único volume, aconteceu em Londres, em 1819, com a versão de João Ferreira de Almeida..

No final do século XIX foi feita um grande revisão na Versão de Almeida. Esse trabalho é conhecido como Bíblia na Versão Revista e Corrigida de Almeida. Embora com palavras bem eruditas e construções gramaticais de difícil compreensão, ainda é um versão muito apreciada hoje em dia.

Na década de 40 do nosso século, uma comissão de especialistas passou anos revendo a tradução e foi publicada a Versão Revista e Atualizada de Almeida (1ª edição), a Versão mais lida e conhecida da Bíblia no Brasil.

Essa duas versões, a Revista e Corrigida(RC) e Revista e Atualizada (RA), passaram recentemente por atualizações gramaticais pela Comissão de Tradutores da Sociedade Bíblica do Brasil. Atualmente, essas Versões são conhecidas como:

* Versão de Almeida Revista e Corrigida, 2ª edição (1995)

* Versão de Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição (1993)

Outras Traduções da Bíblia em Português

Além do trabalho de Almeida, outras traduções ficaram conhecidas no Brasil.

- Versão de Figueiredo, feita, a partir da Vulgata, pelo Padre católico Antônio Pereira de Figueiredo e publicada em 7 volumes, em 1790, depois de dezoito anos do início do trabalho.

- Versão Brasileira, iniciada em 1902 e terminada em 1917, feita a partir dos originais, produzida por uma comissão de especialistas e com a colaboração de alguns ilustres brasileiros como consultores dessa comissão. Entre eles: Rui Barbosa, José Veríssimo e Heráclito Graça. Está sendo revisada atualmente para reimpressão pela Sociedade Bíblica do Brasil.
- Versão de Matos Soares, feita em Portugal, publicada pela primeira vez em 1932.
- Versão dos Monges Beneditinos, feita a partir das línguas originais para o francês, na Bélgica, traduzida do francês para o português e publicada em 1959.
- Versão dos Padres Capuchinhos, feita a partir das línguas originais para o português, no Brasil, e publicada em 1968.
- Bíblia na Linguagem de Hoje
- Bíblia de Jerusalém, feita a partir dos originais para o francês, na Bélgica, traduzida para o português e publicada em 1976.
- Bíblia Vozes, traduzida por uma comissão da Igreja Católica, a partir dos originais para o português, e publicada em 1982.

Por volta da quarta década deste século, os cristãos brasileiros, os obreiros nacionais e mesmo missionários vindos de além-mar começaram a sentir seriamente a necessidade inadiável de uma nova tradução das Santas Escrituras, mais acurada consoante às línguas originais e redigida em português mais condizente com o linguajar destes dias.

Ademais, não se podia ignorar que o rápido avanço da cultura nos campos da geografia, arqueologia, história e lingüística estava derramando novas luzes sobre cada parte da Bíblia. Impunha-se uma nova tradução ou mesmo revisão que fosse, em que os frutos dos melhores estudos sobre filologia sacra e das pesquisas escriturísticas, destes recentes anos, contribuíssem para que a Santa Bíblia falasse mais e mais às mentes e aos corações. Pois, na verdade, as grandes mensagens do Antigo e do Novo Testamento são imprescindíveis nestes dias confusos e conturbados.

No ano de 1943, as Sociedades Bíblicas Unidas (organização que nesse tempo operava no Brasil, pouco depois substituída pela Sociedade Bíblica do Brasil, fundada em 1948), atendendo a esse sentimento generalizado e às solicitações que partiam de muitos setores da Obra do Senhor, resolveram criar uma Comissão Revisora constituída dos mais capazes, cultos e idôneos elementos provenientes das várias confissões evangélicas que laboram neste país. Essa Comissão, composta de cerca de trinta escolhidos especialistas em hebraico, no grego neotestamentário e no vernáculo, iniciou a santa aventura em 1946 e, durante cerca de treze anos, trabalhou árdua, piedosa e fielmente, com erudição e com gosto. E então foi oferecida ao povo brasileiro uma Edição Revista e Atualizada, calcada sobre a tradicional e quase tricentenária versão de

João Ferreira de Almeida. Essa versão, já de sabor clássico, tão estimada nos meios evangélicos, foi então inteiramente repassada à luz dos textos originais. Onde se fazia mister, o passo era posto em linguagem de acordo com o mais escolhido uso corrente, mas que tanto se evitasse o demasiado vulgar como o demasiado acadêmico e literário. Timbrou-se em se manter assim uma faixa lingüística viva, acessível, clara e nobre como convém à Palavra de Deus. É provável que, aqui e ali, se poderia ter atualizado mais o texto vertido, se não se tratasse na base, de uma revisão do Almeida antigo e que a Comissão Revisora deveria seguir tanto quanto possível.

É certo que toda tradução ou revisão da Bíblia Sagrada, ainda que levada a termo por íntegros peritos bíblicos, é sempre trabalho humano e, como tal, sujeito à falhas; por outro lado, no entanto, suscetível de melhoria.

Assim sendo, a Sociedade Bíblica do Brasil, auscultando sugestões dos revisores e de outros interessados, houve por bem criar uma comissão que, de algum modo, velasse pela obra executada e, esporadicamente, a aperfeiçoasse, posto que era empenho de todos que a Edição Revista e Atualizada fosse dinâmica e não estática.

E, em boa hora, foi constituída a Comissão Permanente de Revisão e Consulta (CPRC), com dez doutos membros, que tem realizado, com paciência, boa vontade e bom senso, valioso trabalho útil e construtivo. A CPRC, mediante esta apresentação, roga a todos os amantes do Livro do Senhor que cooperem com ela intercedendo junto a Deus em seu favor e, quando achar conveniente, enviando, por intermédio da Sociedade Bíblica do Brasil, suas observações atinentes à Edição em apreço, quanto à tradução, quanto ao vernáculo e quanto à parte gráfica.

A Sociedade Bíblica do Brasil declara-se sinceramente grata pelo devotado labor dos revisores que puseram seu talento e seu tempo nesta grandiosa empreitada.

Cordiais ações de graças rendemos ao Altíssimo, que nos susteve e sustém nesta tarefa. Entregamos ao povo sequioso da verdade a Verdade Revelada, com a ardente esperança de que esta Edição seja poderoso instrumento para que se cumpram os santos propósitos do Senhor!

Rio de Janeiro, maio de 1975.

A Versão Brasileira

A Bíblia no Brasil, N. 159, 1991, p. 20

"Conhecida por sua fidelidade aos textos originais, a primeira tradução da Bíblia feita no Brasil chegou a ser chamada de "tira-teimas"

Em 1917, durante a Primeira Guerra Mundial, foi lançada a primeira tradução da Bíblia realizada no Brasil. Era a Versão Brasileira, como ficou conhecida (ou simplesmente pela abreviação VB), feita a partir dos textos originais gregos e hebraicos.

A nova tradução não demorou a receber críticas e elogios. Alguns consideraram a Versão Brasileira literal demais e também não aprovaram a maneira como a tradução trazia escritos os nomes dos lugares e dos personagens bíblicos - diferente da consagrada e geralmente aceita nas versões portuguesas, utilizadas no País até aquela data.

Apesar dessas restrições, figuras importantes da época fizeram elogios à Versão Brasileira, ressaltando, em especial, a sua fidelidade. José Carlos Rodrigues, dono e redator do "Jornal do Commercio", o diário mais respeitado do Rio de Janeiro no começo do século, fez o seguinte comentário a respeito da VB, comparando-a com a tradução portuguesa de Antonio Pereira Figueiredo: "Perde um pouco do belo português de Figueiredo, porém ganha na fidelidade ao sentido original." O Dr. William Carey Taylor, professor de Grego Neotestamentário e autor do livro "Introdução ao Estudo do Novo Testamento Grego", compartilhava da opinião de José Carlos Rodrigues sobre a tradução. "É uma das versões mais fiéis aos originais que tenho lido em qualquer língua."

Essa elogiada fidelidade acabou dando origem a uma brincadeira comum em alguns seminários brasileiros, onde a VB era chamada de TT - a "tira-teimas".

Comissão de celebridades

Os trabalhos da Comissão Tradutora começaram por volta de 1902, sob o patrocínio da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (de Londres) e da Sociedade Bíblica Americana (de Nova Iorque), responsáveis pela distribuição das Escrituras Sagradas no País durante o período anterior à fundação da Sociedade Bíblica do Brasil (1948). Os tradutores destacados para a realização do projeto foram três missionários americanos - Rev. John Rockwell Smith, Rev. John M. Kyle (ambos presbiterianos) e Rev. William Cabell Brown (episcopal) - e três pastores brasileiros - o famoso filólogo Eduardo Carlos Pereira, o matemático Antonio Bandeira Trajano (presbiterianos), e Hipólito de Oliveira Campos (metodista). A Comissão escolheu o Rev. William Cabell Brown como seu presidente e relator. Mais tarde, em 1913, o Rev. Brown voltou para os Estados Unidos, e o Rev. Eduardo Carlos Pereira o substituiu no cargo.

Participaram ainda das atividades da Comissão o poeta gaúcho Mário Artagão e dois escritores: Virgílio Várzea e Alberto Meyer. Outras grandes personalidades da literatura brasileira - como Ruy Barbosa, Heráclito Graça e José Veríssimo - também contribuíram, por diversas vezes, na elaboração da Versão Brasileira, como consultores.

"Versão Fiel"

A tradução do Antigo Testamento foi baseada no texto hebraico de "Letteris", e a do Novo Testamento, no texto grego de "Nestle". Como fontes de consulta, a Comissão utilizou a "King James Version" (a mais conhecida tradução da Bíblia em inglês), Edição Revista de 1866, as traduções portuguesas de Antonio Pereira de Figueiredo e João Ferreira de Almeida, além da italiana de Diodatti, da francesa de Ostervald e da espanhola de Reina-Valera. A "Septuaginta" e a "Vulgata Latina", traduções clássicas, também foram consultadas.

Os primeiros livros a serem publicados na nova versão foram os Evangelhos de Mateus e Marcos, em 1904. Tratava-se de uma edição para testar a aceitação dos leitores - e que foi recebida com algumas críticas. O fato levou a Comissão Tradutora a rever o texto de Mateus, o qual, já revisado, voltou a ser publicado em 1905. Os demais livros foram sendo editados aos poucos até a publicação da Bíblia completa, o que aconteceu 15 anos depois de iniciado o trabalho.

A Versão Brasileira nunca sofreu qualquer revisão, correção ou aperfeiçoamento na linguagem. Com o passar dos anos, foi sendo substituída pela tradução de João Ferreira de Almeida na preferência da população evangélica. Mais tarde, teve a sua produção desativada pelas Sociedades Bíblicas que haviam idealizado e patrocinado seu projeto. Apesar disso, até hoje a Versão Brasileira é considerada uma tradução importante - muitos estudiosos da Bíblia chegam mesmo a chamá-la de "Versão Fiel" e torcem para que seja republicada.

Informações obtidas na [Sociedade Bíblica do Brasil.](#))

Conheça o alfabeto grego

A	α	Alpha	I	ι	Iota	P	ρ	Rhô
B	β	Beta	K	κ	Kappa	Σ	σ	Sigma
Γ	γ	Gamma	Λ	λ	Lambda	T	τ	Tau
Δ	δ	Delta	M	μ	Mu	Υ	υ	Upsilon
E	ε	Épsilon	N	ν	Nu	Φ	φ,ϕ	Phi
Z	ζ	Dzeta	Ξ	ξ	Ksi	X	χ	Khi
H	η	Eta	O	ο	Ômicron	Ψ	ψ	Psi
Θ	θ	Théta	Π	π	Pi	Ω	ω	Ômega

Há vinte e quatro letras, dezessete consoantes e sete vogais. Algumas consoantes [ζ θ ξ φ χ ψ] têm som duplo (ψ = πσ, por exemplo). Algumas letras, como o "sigma", têm variantes: σ é o *sigma inicial* ou *medial*, ζ é o *sigma terminal* e c é o *sigma lunado*, que

pode aparecer em qualquer posição. Alguns textos gregos apresentam o *iota subscripto* depois das vogais longas ($\alpha = \alpha\iota$); na página, sempre utilizo o *iota adscrito* ($\alpha\iota$).

Quanto aos numerais, desde o século -II são utilizadas para a maior parte dos números as próprias letras seguidas de apóstrofo ($\alpha' = 1$, $\beta' = 2$, por exemplo). Há símbolos específicos somente para alguns poucos números, como por exemplo o "sampi": $\var�' = 900$).

Os Sons

A pronúncia do grego antigo não é a mesma do grego moderno, e sua reconstituição atualmente tem interesse somente para os especialistas. Eis, no entanto, algumas informações úteis para o entendimento da poesia grega:

A língua grega tinha acento de natureza *musical*, e na sílaba acentuada o som se elevava um pouco. Era diferente do acento das línguas modernas, de natureza *tônica*, em que a sílaba acentuada é pronunciada com mais força.

As vogais tinham *quantidade*, i.e., o tempo que se leva para pronunciá-las é diferente: **breves**, *uma unidade de tempo*; **longas**, *duas unidades*. -η- e -ω- eram sempre longas, -ε- e -ο- sempre breves, e as demais podiam ser longas ou breves. As sílabas que continham vogal longa eram consideradas longas e as outras, breves.

Os sinais diacríticos

Quando o idioma grego difundiu-se durante o Período Helenístico, tornou-se necessária a adição de outros sinais para indicar aos não-gregos a pronúncia das palavras. Os mais importantes são:

- ' **acento agudo**
- ` **acento grave**
- ~ **acento circunflexo**
- espírito doce**
- espírito rude**
- ;
- sinal de interrogação**
- sinal de pausa**
- trema**

O espírito rude empresta às vogais e ao -ρ- um som rascante denominado *aspiração*; o espírito doce indica *ausência de aspiração*.

Letras e sons

O alfabeto grego básico com suas consoantes, vogais e ditongos é o mesmo para todos os dialetos, uma vez que a tradição que transmitiu os textos gregos da Antigüidade até o presente unificou a escrita.

Mesmo assim, o dialeto ático tem algumas pequenas particularidades e as mais notáveis são a freqüente troca do -η- iônico pelo -α-, as contrações vocálicas e o acento nas sílabas finais.

Exemplo: no dialeto iônico, temos σοφίη, "sabedoria", e no dialeto ático σοφία.

Forma das palavras

O grego é uma língua indo-européia do tipo *flexional*, i.e., as terminações das palavras variáveis mudam de acordo com a função sintática.

O significado básico das palavras indo-européias está contido na *raiz*, geralmente modificada por *afixos* (prefixos, sufixos, etc.) que especificam o sentido da raiz. O conjunto da raiz e seus afixos é o *radical*, e o resto da palavra é formada pelas *desinências*, que variam conforme a flexão.

Exemplo: para a raiz grega **do-** (gr. δο-) temos as formas verbais dí-do-mi (gr. δίδωμι), "eu dou", dó-so (gr. δόσω), "eu darei", e o substantivo dó-ron (gr. δῶρον), "dom" ou "presente".

As palavras variáveis são os *substantivos*, *adjetivos*, *pronomes*, *artigos*, *numerais* e *verbos*. A flexão verbal refere-se somente aos *verbos*, e a flexão nominal às demais classes de palavras. Aos verbos *conjugam-se*, e aos nomes *declinam-se*.

A flexão verbal exprime noções referentes à ação:

- **voz:** ativa, passiva, média
- **modo:** indicativo, subjuntivo, optativo, imperativo, infinitivo, particípio
- **aspecto:** durativo, pontual, perfectivo
- **momento temporal:** presente, passado, futuro
- **pessoa do discurso:** 1^a, 2^a, 3^a
- **número:** singular, plural, dual

A flexão nominal exprime noções referentes à caracterização de seres e coisas:

- **gênero:** masculino, feminino e neutro
- **número:** singular, plural, dual
- **caso:** nominativo, vocativo, acusativo, genitivo, dativo

As partículas são palavras invariáveis de múltiplas funções: *advérbios*, *preposições*, *conjunções*, *interjeições*, etc. Algumas partículas exprimem certas nuances da fala que são intraduzíveis.

Algumas características da língua

Destacam-se, dentre os conceitos estruturais do grego antigo estranhos às línguas modernas, a *voz média*, o *modo optativo*, o *aspecto verbal*, o *dual* e os *casos*.

VOZ MÉDIA

Exprime uma ação que o sujeito pratica particularmente interessado em seu efeito, ou em seu próprio interesse.

Exemplo: αἰρέω, "eu tomo" (voz ativa); αἰρέομαι, "eu escolho" (voz média), i.e., tomo de acordo com o meu interesse.

MODO OPTATIVO

Exprime, entre outras coisas, uma eventualidade, i.e., uma ação passível de ocorrer no futuro, ou um lamento.

Exemplo: εἴθε μὴ εἶης δυστυχής, "oxalá não sejas infeliz"; εἴθε ἔζη, "oxalá ele estivesse vivo".

ASPECTO

Os aspectos *imperfectivo*, *auristo* e *perfectivo* refletem a duração e o grau de acabamento da ação expressa pelo verbo.

O *imperfectivo* apresenta a ação como um processo, durante seu desenvolvimento (aspecto *durativo*);

Exemplo: ὁρῶ τὴν οἰκίαν, "eu vejo a casa" (i.e., comecei a ver e ainda estou vendo).

O *auristo* exprime uma ação pura e simples (*aspecto zero*, *momentâneo* ou *pontual*);

Exemplo: ἐδούλευσα, "tornei-me um escravo" (i.e., em um certo momento não especificado do passado fui reduzido à escravidão).

O *perfectivo* apresenta o resultado de um processo acabado (aspecto *resultativo*).

Exemplo: τέθαιπται, "ele está enterrado" (i.e., agora já acabaram de enterrá-lo)

DUAL

Refere-se a um par de coisas.

Exemplo: τὸ ὁδῶ, "os dois caminhos".

CASOS

As desinências apostas ao radical básico indicam, além do gênero e do número do substantivo, o *caso*, i.e., a função sintática da palavra nas frases. Basicamente, o *nominativo* é o caso do sujeito, o *acusativo* o do objeto direto, o *dativo* o do objeto indireto e o *genitivo* o do complemento nominal ou do adjunto adnominal.

Veja-se, por exemplo, algumas das diferentes formas que a palavra "discurso", cujo radical é λογο-, pode assumir em função da desinência:

- radical + -ς- > λόγος (função: sujeito);
- radical + -ν- > λόγον (função: objeto direto).

A língua portuguesa conservou raríssimos vestígios dessas antigas estruturas lingüísticas. A palavra "ambos", por exemplo, evoluiu a partir de um antigo dual.

Apoio www.palavracriativa.org.br